

EPIGRAPIA PERNAMBUCANA

O leitor menos amigo de palavras rebarbativas que desculpe a do título e consinta que lhe recorde, recorrendo ao dicionário, que a epigrafia é uma das chamadas disciplinas auxiliares da história, que estuda as inscrições. Tive o meu contato mais demorado com a epigrafia ao examinar, há poucos meses passados, na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro algumas gavetas de documentação antiga ainda a catalogar, contendo material de interesse para Pernambuco. A documentação consultada não está incluída no catálogo de documentos para a história do nosso Estado, que a Biblioteca Nacional tem já concluído e se encontra em composição na Imprensa Nacional e que conta nada menos de 817 itens, trabalho que muito honra a atual direção da Divisão de Obras Raras e Publicações da mesma Biblioteca, ocupada pelo Dr. José Honório Rodrigues e a dedicação das suas auxiliares nesse trabalho, uma pernambucana Sra. Cecília de Barros Correia Viveiros de Castro, outra a fluminense Srta. Guinara de Alcântara. Entretanto diversas gavetas de documentos ainda existem por examinar e catalogar, de modo que não é de admirar que muitos papéis de interesse para a história do Nordeste venham ainda a ser encontrados. Foi o que aconteceu com os referentes a uma viagem de coleta de elementos epigráficos empreendida em 1887 por Alfredo do Valle-Cabral, antigo funcionário da Biblioteca Nacional e ilustre colaborador de Capistrano de Abreu. Comissionado pelo governo imperial pôde Valle-Cabral recolher mais de mil inscrições na Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Fernando de Noronha, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Em Pernambuco contou com a colaboração de diversos historiadores, sobretudo de Pereira da Costa e João Batista Regueira Costa; este último forneceu-lhe inúmeras cópias e indicações epigráficas recolhidas em Olinda. Entre os documentos da viagem encontram-se ainda três fotografias tiradas em Pernambuco: a da inscrição da Igreja de N. S. dos Prazeres dos Guararapes e duas do marco divisório das Capitânicas de Pernambuco e Itamaracá (hoje recolhido ao Instituto Arqueológico) quando ainda no local em que esteve por mais de três séculos plantado. Do marco há também um desenho feito segundo esboço de autoria da Victor Meirelles e um outro da chamada Pedra Jacob, que o visitante conheceu ainda na sua localização da rua da Cruz. Como se vê, documentação do maior interesse para a história de Pernambuco e da qual obtive reproduções fotográficas.

Sobre a pedra Jacob, a que Valle-Cabral se refere como "o Santo Holandês da rua das Cruzes" (da Cruz, isto é, do Bom Jesus e não das Cruzes, que é a atual *do Diário de Pernambuco*) obteve ele algumas indicações de um irmão de Antônio Pedro de Figueiredo, que à curiosa escultura se referiu longamente em um dos seus interessantes artigos de *A Carteira*. O irmão de Antônio Pedro chamava-se Genuíno Gomes Pereira e em 1887 era vigário da matriz de Sirinhaém. O Padre Genuíno interessava-se também por estudos históricos (era sócio do Instituto Arqueológico Pernambucano) e forneceu-lhe diversas indicações: entre outras cousas mostrou-lhe a pedra com a inscrição relativa à reconstrução da antiga matriz da cidade, de 1791, a qual fora por ele encontrada "debaixo do altar-mor da antiga igreja de Nossa Senhora da Conceição de Sirinhaém, por ocasião de cavar o alicerce do lado da capela-mor para a construção do cemitério da vila, que se deve aos seus esforços". A antiga matriz da Conceição foi pela segunda vez reconstruída entre 1836 e 1846, mas não foram concluídos os trabalhos, passando a servir de matriz a antiga igreja do Rosário dos Pretos.

Valle-Cabral esteve no Recife nos meses de março a junho de 1887 e recolheu ao todo

473 inscrições. Viajou para o sul da então província até a Colônia Isabel e para o norte até Goiana, visitando Itamaracá. Abrangeu portanto a visita toda a zona da mata de Pernambuco, onde a obra das gerações passadas avulta em número e importância. Não se desinteressou o viajante pela coleta de elementos folclóricos: reuniu de diversas pessoas, entre outras de Lourenço Justiniano de Sousa Lobo, comandante do vapor Jiquá em que viajou para Fernando de Noronha, de certo Joaquim Firmino Cavalcanti, natural de São José de Mipibu, Rio Grande do Norte, e mesmo do moleque Gervásio, "crioulo analfabeto", muitas indicações sobre jogos, cantigas de menino, lendas de Pernambuco e mesmo todo um romance do cangaceiro Jesuíno Brillante. Anotou também a existência de velhos retratos a óleo existentes em igrejas, irmandades e hospitais do Recife e de alguns seria do maior interesse saber se ainda hoje se conservam e aonde. Além de referir a existência de dois retratos a óleo de D. Tomás José de Melo, governador de Pernambuco (1797-1798), dos quais é conhecida a localização, menciona a de um retrato de Luís do Rego Barreto, conservado então na Casa dos Expostos. O quadro apresenta-o sentado e contém os seguintes dizeres: "O Ilm. e Exm. Sr. Luiz do Rego Barreto Capitão-general desta Capitania de Pernambuco e Diretor desta Casa dos Expostos 1817". Ainda no mesmo local existia um outro, de 1815, do Bispo D. Frei Antônio de São José Bastos. Já no seu tempo não foi possível a Valle-Cabral obter informações para a identificação de dois retratos que se conservavam na Igreja do Livramento. Segundo se diz, anotou ele, eram os do governador José César de Menezes (1774-1787) e do Coronel José Vaz Salgado, homem de fortuna e grande benfeitor de diversas igrejas e irmandades.

Várias inscrições recolhidas por Valle-Cabral já hoje não existem e isto aumenta a importância da coleção epigráfica. Mas a coleta de material inclui desde inscrições relativamente recentes, como as do edifício da Alfândega (1840) e do Palácio da Presidência (1841), iniciativas do Conde da Boa Vista, até as mais antigas do século XVII, anteriores à invasão holandesa, como as das igrejas de São Roque de Sirinhaém (1623) e de Nossa Senhora dos Prazeres de Maranguape (1625). Desta última indica o viajante que a pedra com a data fora arrancada "porque constou que ali havia dinheiro enterrado; ainda está fresca a cal com que depois a deitar no mesmo lugar. No adro da igreja existe um buraco que me disseram havia sido feito para descobrir-se tesouro. Da igreja de Maranguape ao Engenho Paulista fizeram constantes escavações a fim de procurarem dinheiro enterrado". Nas proximidades Valle-Cabral visitou também a Igreja e Convento de Santo Amaro de Água Fria (também anterior a 1630), que encontrou em ruínas. "Profundas escavações para descobrir-se tesouros. Perguntei ao Sr. Pita quem era que cavava respondeu-me: É gente do Recife. Admira o estado das ruínas escavações. Muitas pedras lavradas estragadas pelos exploradores de tesouros".

Também em Igarassu, onde examinou as ruínas da Igreja da Misericórdia (recolhendo a data "ano 1740" existente por cima das duas janelas da Igreja) menciona que do templo "só existem as paredes em pé, sem teto e tudo cheio de mato. Ruínas. A portada é toda de pedra fraca, mas elegante e nela se vêem quatro belas colunas em espiral, que devia dar muita graciosidade ao templo. As duas janelas são também adornadas de obra de pedra. No centro da capela-mor cavaram recentemente largo buraco à busca de dinheiro".

Entre as inscrições hoje inexistentes recolheu Valle-Cabral as da pequena pirâmide do Cais do Colégio, mandada levantar em 1839 por Francisco do Rego Barros, comemorativa da conclusão das obras do cais fronteiro ao então Palácio da Presidência, obra do engenheiro francês Jules Boyer. A pirâmide recebeu posteriormente outras inscrições, entre elas a referente à visita de Pedro II a Pernambuco (1859); a do arco da ponte do Varadouro de Olinda (1749); a da

ponte do Recife, reconstruída em 1743 pelo governador Henrique Luis Pereira Freire; a pequena inscrição com data existente em um dos leões do adro do Convento dos Franciscanos do Recife, etc.

De túmulos e jazigos recolheu Valle-Cabral grande número de inscrições, entre as quais a belíssima, em latim, do Bispo de Pernambuco D. Matias de Figueiredo e Melo, existente da Sé de Olinda. Na igreja do Recolhimento da Conceição copiou a da sepultura de Antônia de Souto, mulher do governador e mestre de campo Francisco de Figueiroa, que comandou um terço de ilhéus na guerra contra os holandeses; na de Guadalupe de Olinda a do seu fundador e primeiro juiz da Irmandade, Manuel carvalho (1629); na capela de Nossa Senhora da Piedade, dos Carmelitas, a do fundador Francisco Gomes Salgueiro (1683); na do Espírito Santo a do Franciscano Frei João Capistrano de Mendonça, o Frei Cometa, tão conhecido no Recife em meados do século passado.

No cemitério do Recife copiou entre outras a inscrição sobre o túmulo de Antônio Pedro de Figueiredo, o mulato socialista redator de *O Progresso* (de iniciativa de seu amigo Manuel Luis Virães, administrador do cemitério); a de José Ramos de Oliveira, um dos mais ricos comerciantes do Recife e fundador da Associação Comercial e que tem o nome lembrado no chamado Cais do Ramos (1846); e uma inscrição singela que diz "Jacob escravo fiel dedicado amigo eis o que encerra este jazigo. 1864". O senhor que lamentava a morte do servo, a quem tratava como pessoa da família, era, segundo conseguiu averiguar Valle-Labral, certo Gustavo José do Rego.

No Cemitério e Capela dos Ingleses anotou o viajante *memoriais* de ingleses e estrangeiros ilustres que têm os nomes ligados à história de Pernambuco. Um deles lembra o médico e Cirurgião da marinha britânica John Loudon, que serviu nesta última qualidade por 18 anos no Hospital inglês do Recife. Morreu em 1843 com 49 anos de idade, "universally esteemed both for his professional skill and personal virtues". O Dr. Loudon deixou, entre outros trabalhos, um dos mais antigos estudos sobre a duna da cidade. Outro médico, o Dr. Henry Krause, muito conhecido no Recife, era dinamarquês, mas foi enterrado no Cemitério inglês. Também lá repousa Aristides Franklin de Mornay, cujo nome está ligado a muitos empreendimentos em terras de Pernambuco.

Valle-Cabral era de opinião que a mais bela inscrição, do ponto de vista artístico, por ele vista em Pernambuco, era a que já então se conservava no Instituto Arqueológico Pernambucano e pertencera à Cadeia Nova do Recife, a da Rua do Imperador. Considerava-a "belíssima, admiravelmente cavada em mármore cor de rosa" e mandada fazer em 1731 pelo governador Duarte Sodré Pereira.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 jun. 1950.